



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

# O SECULO

## A GOTAZINHA DE ORVALHO

Por HENRIQUE F. ALVES

Desenhos de ADOLFO CASTANÉ



RA uma vez certa gô-tazinha de água, muito pequenina, muito simpática, muito delicada de maneiras e de sentimentos, que era o brinquinho dos pais — o senhor Temporal e a senhora D. Chuva e que, com eles, vivia

não. Como amava muito os pais, gostava de estar na casa paterna e resistia a tôdas as propostas que lhe faziam para abandoná-la.

Um dia apareceu-lhe, garboso e lindo, no seu vestido de sete côres, o cavalheiro Arco-Iris a tentá-la:

— «Gótazinha de Orvalho, meu encanto, queres vir comigo? Dar-te-hei riquezas sem par. Vestir-te-hei de brilhantes coloridos Serás a rainha da minha côrte».

— «Não, senhor fidalgo—respondeu Gótazinha de Orvalho.

Seriam grandezas demais para a minha humildade. Prefiro viver na modéstia em que fui criada.

Outro dia, foi o Sol que pretendeu deslumbrá-la com propostas risonhas:

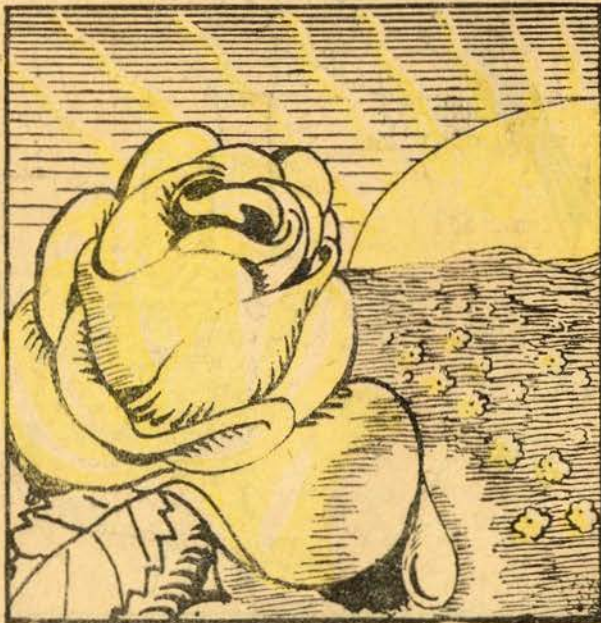
— «Vem para junto de mim, Gótazinha de Orvalho. Eu sou o rei do Universo. Eu sou o calor. Eu sou a luz. Eu sou a vida de tudo o que existe à face da terra. Se qui-

(Conclue na página 6)

no Reino das Nuvens, onde vivem os trovões e os relâmpagos.

E como era assim, cheia de graça, a Lua, sua madrinha, baptisou-a com o nome de «Gótazinha de Orvalho».

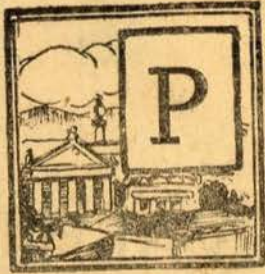
Os seus irmãos mais velhos—Graniso, Neve e Geada, apenas se sentiram com forças para se governar, deixaram o lar e partiram para a Terra, a praticar quantas tolices e maldades lhes vieram à cabeça. Gótazinha de Orvalho.



# Minha pobre andorinha

POR ARMANDO LEITE MORAIS

Desenhos de ADOLFO CASTAÑE



**PRIMAVERA!** Primavera! Ao longe vinha um bando de andorinhas anunciando a boa nova! A Primavera! E eu, encontrando-me sentado no meu jardim, contemplava e acompanhava tôdas as evoluções destas queri-

das avezinhas.

Porém, uma delas, abandonando as outras, foi poisar, de frente, no telhado do meu vizinho, onde se deteve por algumas horas. Depois levantou vôo, não a tornando mais a ver.

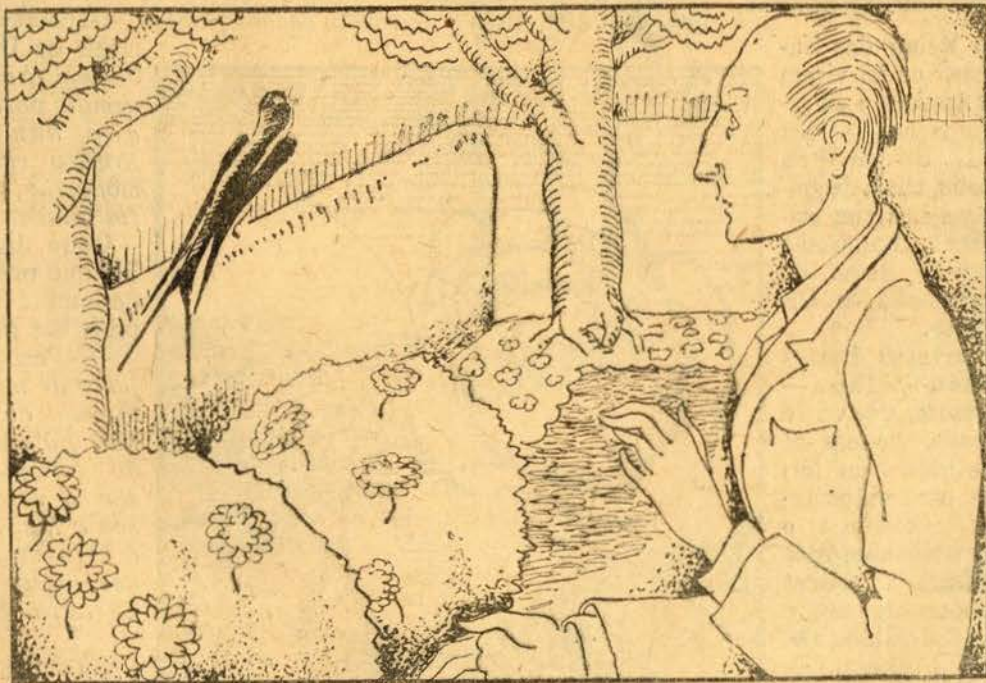
Numa dessas encantadoras tardes primaverais, andava passeando pelo jardim, quando de novo a vejo, não no mesmo sítio, mas, sim, no muro que cercava o referido jardim.

A sua enorme alegria e a sua presença, juntamente com as flôrzinhas que perfumavam o nosso jardim, davam-lhe um ambiente de uma encantadora felicidade.

Com o decorrer do tempo, a andorinha foi-se aproximando das suas estremosas irmãs, depositando em mim uma confiança ilimitada, não recendo que eu a pudesse constituir minha prisioneira. À tardinha, quando eu regressava a casa, já a ia encontrar poisada no meu banco, esperando-me, como alguém espera uma pessoa amada; sempre á mesma hora... dir-se-ia até que esta interessante avezinha tinha raciocínios que sabia, de certeza, que áquela hora eu ali iria levar-lhe os meus carinhos e alguma coisita de comer!

A pouco e pouco, comecei sentindo por aquela pequenina andorinha, uma grande amizade; ela fazia já parte da minha alegria também!

Um dia, quando regressei a casa, era já noite, não me tinha sido possível poder chegar de dia, apesar de, para isso, ter empregado todos os esforços ao meu alcance, pois pensava constantemente naquela que me estava esperando, lembrando-me, ao mesmo tempo, que já lá a não encontraria.





## O cavalo de pau

POR MARIA AMELIA DE MIRANDA RODRIGUES  
— DESENHO DE ADOLFO CASTANÉ —



**D**ESDE que o Pai, naquela caixa tão grande e tão preta, saíra de casa, Pedrinho via muitas vezes, lágrimas nos olhos da Mãe. E curvada sobre a costura, tódo o dia, trabalhava sem descanso. Apesar disso, a Mãe não

tinha tanto dinheiro como antes, porque, quando o padeiro, o leiteiro, o homem da mercearia e outros, vinham trazer as contas, a Mãe não pagava e depois de eles se irem embora, começava a chorar. Pedrinho chorava também, beijava-a, chamava-a seu amor, sua pequenina, tódos os nomes lindos que a Mãe lhe dizia e de que ele gostava tanto. Ela acabava por enxugar as lágrimas e Pedrinho ficava a pensar na maneira de ganhar dinheiro. Uma vez, disse:

- Mãe, eu quero empregar-me.
- Para quê, meu filho?
- Para te ajudar.

A Mãe sentou-o nos joelhos e apertou-o tanto, tanto, contra o peito, que lhe fez doer.

— Então?

— Então, Pedrinho, és muito pequeno ainda.

O pequenino não podia conformar-se com a sua inutilidade e tanto pensou que um dia, sem que a Mãe visse, saiu de casa com o velho cavalo de pau que o Menino Jesús lhe dera. Ia vendê-lo. A porta duma loja de brinquedos caros, parou; beijou repetidas vezes o cavalo e, ternamente, acariciando-o:

— Meu querido cavalinho, meu querido Sultão, adeus.

Uma senhora, viu a comovedora despedida e quando o pequenito entrava na loja, perguntou-lhe o que ia fazer.

— Minha senhora. A Mãe não tem dinheiro e eu que não posso empregar-me, por ser pequenino, vendo o meu Sultão.

— Está bem; eu compro-to.

Pedrinho, radiante, acedeu e depois, apressado, correu para casa e entrou a gritar:

— Mãe, Mãezinha! Vendi o Sultão! Está aqui o dinheiro!

— E atirou, para o regaço da Mãe estupefacta, uma nota de quinhentos escudos.

■ ■ F I M ■ ■

# O BEIJINHO DEBAIXO DO VÉU

Por LAURA COSTA MARQUES

Desenhos de ADOLFO CASTAÑÉ



OU contar-lhes, meus amiguinhos, uma história linda e meiga com que a avøzinha me entretinha ao serão e de que eu gostava tanto, tanto...

Quási a dormir, ainda pedia:

— *Avøzinha, conta... conta, repe-*

*te... Ora ouçam:*

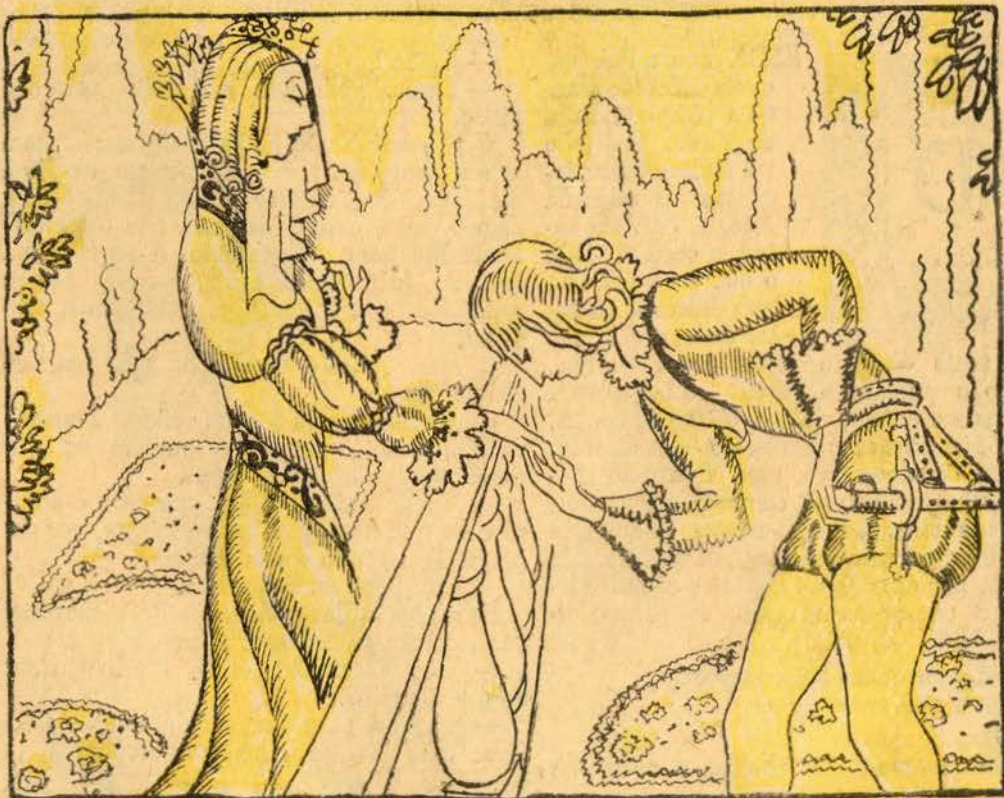
Num grande e belo país, onde o sol é muito claro e muito límpido e as flørinhas crescem verdejantes, nos prados, nêsse maravilhoso país que um poeta tão acertadamente chamou «jardim da Europa à beira mar plantado», e que não é outro senão o nosso querido

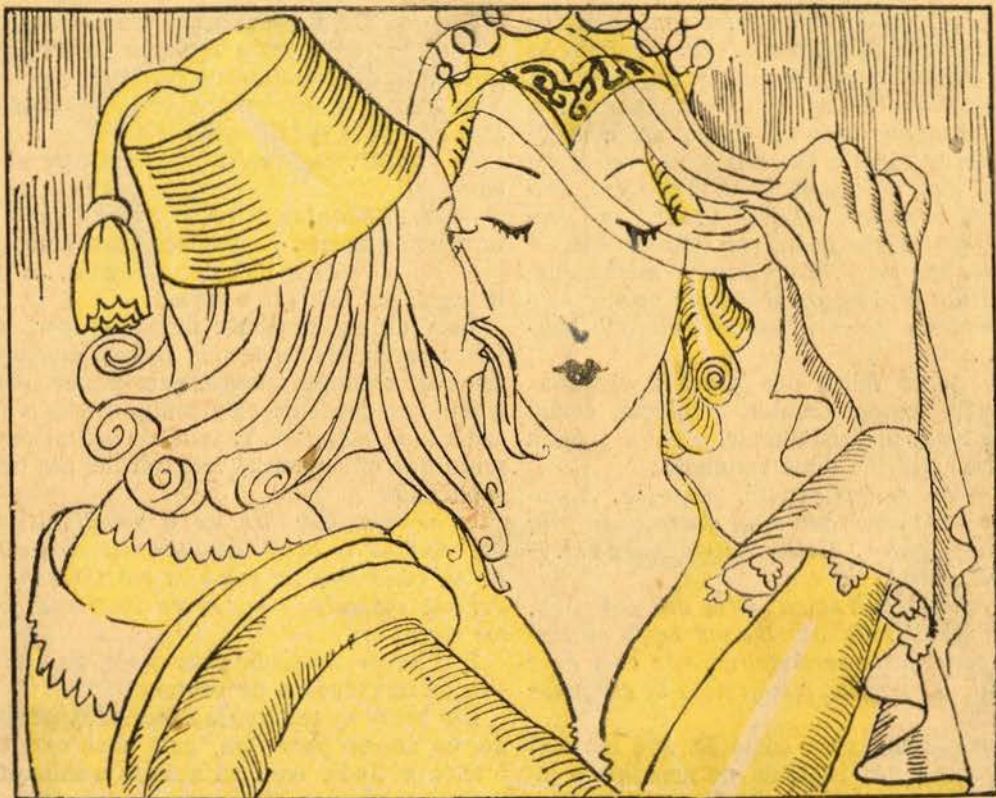
Portugal, existia um riquíssimo palácio, onde habitava uma jovem condessa que era uma das mais gentilíssimas damas do seu tempo.

Verdadeiramente bela, aliava à perfeição do rosto que Deus lhe dera, a formosura da alma, que a tornava meiga, bõa, indulgente e caritativa.

Êste palácio tinha, como quási todos os palácios, um vasto jardim, onde cresciam as mais variadas fløres que eram todo o encanto da condessinha. Despresava as salas maravilhosas daquela habitação, e era o jardim a sua verdadeira casa, onde passava a maior parte do tempo, em companhia das suas amigas predilectas: as suas queridas fløres! Como a compreendiam bem!...

Falavam-lhe com carinho, minoravam-lhe máguas, e, tão alegremente se dedicavam à





sua gentil protectora que esta sentia um verdadeiro prazer em todos os cuidados que lhes dispensava, cuidados que, por mais que fossem, poucos eram para tão ingénuas confidentes, tão leais e sempre tão discretas.

Próximo a este castelo, encontrava-se um outro, talvez ainda mais sumptuoso, habitado pelo príncipe Fernando.

Ora, sucedia que, como o mirante desse palácio dava precisamente para o jardim da condessa, várias vezes, ao moço príncipe lhe era dado admirar a jóvem na sua tarefa diária. Sinceramente comovido pela graça simples e perturbante da sua gentil vizinha, disse-lhe uma manhã:

— «Bons dias, real condessa!»

A donzela, assustadíssima por ouvir uma voz masculina, mais ainda ficou ao vêr o príncipe e, desatando a correr, veio contar tudo à sua velha ama, única pessoa com quem vivia, excepto os criados.

Mas... minha querida menina — dizia rindo, divertidíssima, a boa velhota — era fácil, a resposta:

— «Bons dias, real senhor!...»

— «Tens razão, ama; é verdade! Para a outra vez responderei assim».

No dia seguinte o príncipe repetiu a saudação:

— «Bom dia, real condessa!» — Bom dia, real senhor!» — retorquiu a jóvem.

— «Quantas folhas tem esse craveiro?» — interrogou, sorrindo, o príncipe.

Que grande atrapalhão... A pergunta era bastante mais embaraçosa do que a anterior e, por isso, cada vez mais perturbada, fugiu novamente, e, como garota amimada e aborrecida, foi queixar-se à sua boa ama:

— «Por tua causa, vês? Se não lhe tivesse respondido, seria bem melhor... Agora não torno a pôr os pés no jardim, não!...»

— «Deixe lá, não se rale por tão pouco... Está de vêr que o príncipe queria brincar consigo; pois volvesse-lhe;

— «E... quantas estrelas tem o céu?» —

— Dizes bem.

— «Minha boa amiga, como a experiência te faz vêr claro e te inspira assim!... E eu que nem sequer me lembrei disso!...»

Eram horas da missa. A jóvem preparava-se para sair, quando se abriu o portão, dando entrada a um pobre mendigo, velho e andrajoso que pedia licença para oferecer as suas mercadorias... velhos braceletes, colares, anéis sem valor, etc.

Por curiosidade, a condessa deixou-se ficar e olhou, de repente, surpreendida, para um lindíssimo anel que brilhava no acafate do pobre. A' interrogação muda dos seus lindos olhos, o velho curvou-se e disse:

— «V, Ex.<sup>a</sup> decerto se admira de encon-

trar uma joia de valor entre tantas outras vulgares e sem beleza... Eu explico. Já fui nobre também e tinha um palácio que, de verdade, não seria inferior a este. A sorte quiz que tudo perdesse, até uma filha que adorava e que era todo o meu encanto! Era dela esse anel. Por isso, não o venderei nunca, mas se V. Ex.<sup>a</sup> me permite, terei muito gosto em oferecer-lho. A semelhança de V. Ex.<sup>a</sup> com a minha querida filha é tão grande que me parece neste momento estar a ver o anjo que perdi!...

E o pobre velho, não podendo contêr-se por mais tempo, desatou a soluçar, comovendo tódos profundamente, e até a própria condessa que lhe disse carinhosa:

— «Não se apoquente, peço-lhe. Agrade-me este anel que é, de facto, uma joia de muito valor. Como hei-de por é n. recompensá-lo?»

— «Senhora, a única mercê que vos rogo, é que me permita dar-lhe um beijo na festa, e serei feliz verdadeiramente com esse ósculo, que daria à minha filha se ela fosse viva».

Sensibilizada pela comoção que tão real transparecia nas palavras do mendigo, a jovem levantou o véu, e recebeu o beijo prometido.

Depois, recomendou muito à sua ama que auxiliasse o ancião; saiu, finalmente, e foi ouvir a missa com o coração satisfeito e tranquilo de ter praticado uma boa acção.

Decorreram quatro dias, e quando, na ma-

nã do quinto, a condessa se encontrava no jardim, viu outra vez o seu querido príncipe que, sorrindo do mirante, lhe disse:

— «Bom dia, real condessa!» — «Bom dia, real senhor!» — respondeu ela.

— «Então, quantas folhas tem esse craveiro?»

— «E... quantas estrelas tem o Céu?» — terminou a jovem, julgando-se vencedora...

— «E o beijinho de baixo do véu?...» interrogou por sua vez o rapaz.

Esta última pergunta deixou-a por falta de forma paralizada, que nem pensou em fugir como de costume. Olhava, num pasmo, para o príncipe que, comovidamente, desceu a escadaria de mármore, e, saltando ágilmente o muro que os separava, veio cair-lhe aos pés, suplicando:

— «Perdõe-me; era eu o mendigo, que lhe roubou o beijo, há dias. Gosto muito de si, condessa. Se também me corresponder, não me deixe viver nesta incerteza que me mata...»

E o «sim» desejado disse-o ela, num sorriso de felicidade e de ventura.

Em breve se realizou o casamento, partindo os noivos para fóra, para uma czinha branca e linda, onde as acácias e mimosas tornavam mais poético o seu amor.

Terminava assim a história, que a avôzinha me contava ao serão, de que eu gostava tanto... tanto...

■ ■ ■ FIM ■ ■ ■

## A GOTAZINHA DE ORVALHO

(Continuação da 1.<sup>a</sup> pag.)

zeres vir comigo, serás eleita Princesa da Luz. Cobrir-te-het de pedras preciosas».

— «Nem sou vaidosa, nem nasci para princesa — escusou-se Gôtazinha de Orvalho. Quero viver junto dos meus pais, enquanto puder. Eles sabem proteger-me, quando me sinto fraca, e tratam-me quando estou doente».

— «Vou raptar-te —olveu colérico o Sol. — Ning e n até hoje resistiu ao meu poder. Não serás tu, pequena, insignificante, que dêsse poder escarnecerás».

E como Gôtazinha de Orvalho visse o Sol preparar um dos seus raios para raptá-la, exclamou aflita:

— «Paisinho! Paisinho! Acuda-me!»

Logo o Temporal lançou uma nuvem, contra o adversário do filho e este foi obrigado a recolher-se e a deixar tranqüila a Gôtazinha de Orvalho.

Foram passando dias e dias, anos e anos, e tódos imaginavam que a Gôtazinha de Orva-

lho jámais abandonaria a casa paterna. Um verão ardentíssimo chegou e com êle um ar sufocante. Da terra subia ao Reino das Nuvens um calor ardente, abrazador.

E um grito doloroso, em certo dia, subiu também declamando:

— «Socorro! Socorro! Quem me mata a sede que me devora?! Ó Gôtazinha de Orvalho, salva-me».

— «Quem és tu?» — perguntou a Gôtazinha de Orvalho, comovida.

«Um Botãozinho de rosa silvestre, tímido, ds amparado, que amanhã será flôr e perfume, se lhe acudires e que morrerá, sem nunca ter sido beleza nem utilidade se não lhe valeres».

Vem para o meu seio! Salva-me, boa Gôtazinha de Orvalho!»

— «Adeus minha mãezinha! Adeus meu paizinho. Vou morrer para salvar uma vida!»

E, dôcemente, dôcemente, desprendendo-se do colo da mãe, Gôtazinha de Orvalho desapareceu para sempre, no seio do Botãozinho de rosa.

F I M



Mas... puro engano!! A pòbrezinha lá estava; muito triste, pensando talvez, que já a tivesse no olvido, que já a tivesse desprezado! Cheguei-me junto dela... peguei-lhe com todo o carinho, dei-lhe a comer alguns bocadinhos de pão de ló, mas... não comeu! O seu frágil bicozito já não ingeria qualquer alimento!

O que teria ela!? Estaria doente! Dir-se-

ia zangada comigo? Não sei! Só sei que a pobre andorinha estava muito mudada, tinha qualquer coisa grave com ela.

Estava uma noite linda! O luar, com a sua nitidez, iluminava todo o jardim, o que me proporcionaria horas inolvidáveis de prazer, se aquela pobre andorinha estivesse como a tinha deixado no outro dia! Passei a noite junto dela, com o meu espírito sobressaltado; sofria horrivelmente por vê-la assim, tão triste, tão doentinha, por não saber o que ela tinha, por não lhe poder dar a alegria de outrora!

Veio a manhã, e a pobre andorinha ainda se mantinha no mesmo estado, triste e doente.

Precisava de sair, tinha um compromisso da mais alta importância a tratar, mas... faltou a ele... não tinha coragem para abandonar aquela que me tinha proporcionado momentos de felicidade; talvez tivesse sido eu que, involuntariamente, houvesse contribuído para o estado melancólico em que se encontrava.

Entretanto a minha pobre andorinha, pouco a pouco ia desfalecendo nas minhas mãos; os seus brilhantes olhitos, encontrava-se já semi-cerrados! Maldita a hora em que faltei, com a minha presença àquela desventurada ávezinha... A pòbrezinha, a alegria do meu jardim, acabava de sucumbir ao peso dum mistério que nunca cheguei a descobrir!

Morrêra a minha pobre andorinha!!

## Solução dos problemas anteriores

### Dos enigmas:

- Janeiro molhado se não é bom para o pão não é mau para o gado.
- Todos por um e um por todos.
- Moeda falsa de noite passa.

### Da adivinha

- 1 — Bôdo, 2 — Cado, 3 — Cêdo, 4 — Dado, 5 — Dêdo, 6 — Dido, 7 — Fado, 8 — Fédo, 9 — Fido, 10 — Gado, 11 — Gôdo, 12 — Lado, 13 — Lêdo, 14 — Lido, 15 — Lôdo, 16 — Mêdo, 17 — Modo, 18 — Mudo, 19 — Nado, 20 — Nódo, 21 — Nudo, 22 — Pôdo, 23 — Rido, 24 — Rôdo, 25 — Rudo, 26 — Sado, 27 — Sido, 28 — Tido, 29 — Todo, 30 — Tudo, 31 — Védo.

F I M

# « TI'ZÉ MARIA »

Por JAMES BROOK'S

Desenhos de CASTANÉ

...Dlão!... Dlão!!...  
Ao longe há sinos a tocar!  
...Dlão!... Dlão!!...  
Oh que pavôr!!!  
E os sinos sempre sem parar  
Dlão... Dlão... Dlão... Dlão!!...  
Jesus Senhor! Jesus Senhor!  
...quem morreria?!?!  
— O céu é negro, a terra é fria,  
ouve-se, ao longe, trovejar!

— Foi o pobrinho Ti'Zé Maria  
que agora mesmo foi-se enterrar!

Ti'Zé Maria, santo velhinho,  
Ti'Zé Maria de olhos de luar,  
Ti'Zé Maria, tão póbrezinho,  
andaste à toa pelo caminho  
que leva todos ao Eterno Lar.

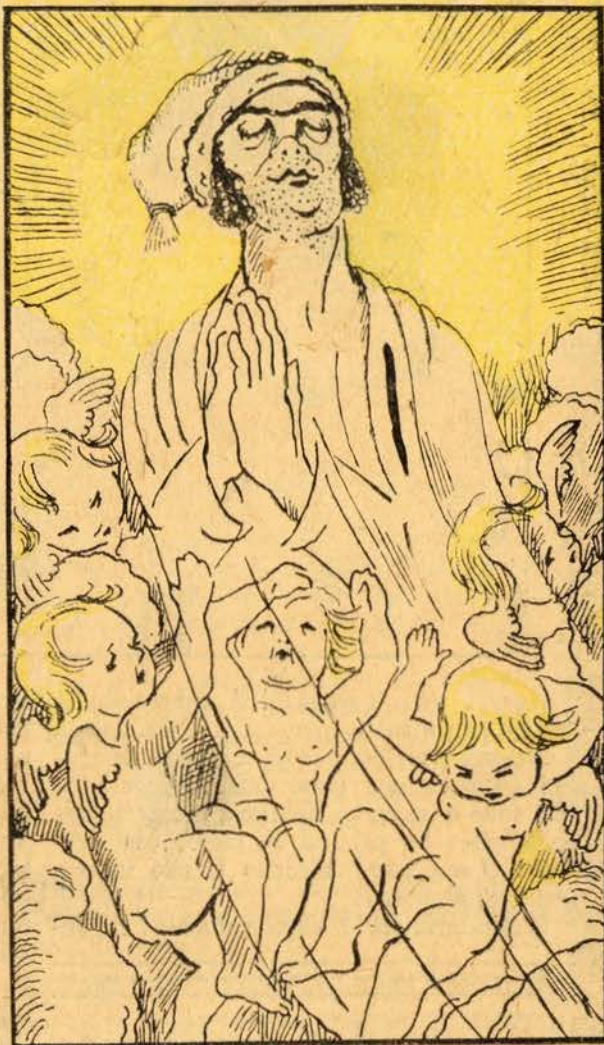
Ti'Zé Maria, ó vagabundo,  
a tua infância — negra saúde! —  
vagueou sempre cá neste mundo  
com olhos postos no Azul profundo  
que é o princípio da Eternidade!

Oh, que alegria,  
oh que alegria lá vai no Céu!  
E' festa grande! Ti'Zé Maria,  
cercado de anjos, resplandecia  
da luz divina que Deus lhe deu!

Santos e santas, muito contentes,  
lá esperavam que ele aparecesse,  
que ele morresse,  
que ele vivesse  
eternamente!

E mal o viram, todo a brilhar,  
logo disseram: — «sêde bemvindo,  
sêde bemvindo  
ao vosso Lar!!»

E, cantando,  
foram andando,  
foram voando



por sôbre as nuvens brancas, sidérias,  
por sôbre as nuvens brancas, etérias,  
por sôbre as nuvens foram voando!

E Jesus Cristo, Nosso Senhor,  
lhe apareceu;  
e, com carinho, divino Amor,  
sua divina mão estendeu  
sôbre a cabeça — (que se curvou) —  
do póbrezinho Ti'Zé Maria,  
e, sorridente, o abençoou!

Oh que alegria,  
lá vai no Céu!  
E' festa grande! Ti'Zé Maria,  
cercado de anjos, resplandecia  
da luz divina que Deus lhe deu.

■ ■ ■ FIM ■ ■ ■